



Official Selection 2014
sundance
film festival



**UMA RAPARIGA
REGRESSA DE NOITE
SOZINHA A CASA**

UM FILME DE ANA LILY AMIRPOUR



SINOPSE CURTA

Há coisas estranhas a acontecer na Cidade Malvada. A cidade fantasma iraniana, terra de prostitutas, drogados, chulos e outras almas sórdidas, é um lugar que fede a morte e desespero, onde uma solitária vampira persegue os habitantes mais repugnantes da cidade. Mas quando um rapaz conhece uma rapariga, uma história de amor invulgar começa a desabrochar... em tons de vermelho sangue.

SINOPSE LONGA

Há coisas estranhas a acontecer na Cidade Malvada. A cidade fantasma iraniana, terra de prostitutas, drogados, chulos e outras almas sórdidas, é um lugar que fede a morte e desespero, onde uma solitária vampira persegue os habitantes mais repugnantes da cidade. Mas quando um rapaz conhece uma rapariga, uma história de amor invulgar começa a desabrochar... em tons de vermelho sangue.

Primeiro western iraniano de vampiros, a estreia na longa-metragem de Ana Lily Amirpour é puro prazer “pulp”. Uma jubilosa mistura de géneros, arquétipos e iconografia, as prolíficas influências vão dos spaghetti westerns, aos romances gráficos, filmes de terror, e à Nova Vaga iraniana. Amplificada por uma mescla de rock iraniano, techno, e temas inspirados em Morricone, a sua estética irreal, anamórfica e a preto e branco e cenas habilmente artísticas combinam a tensão fervilhante de Sergio Leone com o surrealismo bizarro de David Lynch.

SOBRE ANA LILY AMIRPOUR

Ana Lily realizou o seu primeiro filme com 12 anos – um filme de terror com a participação dos convidados de uma festa de pijama. Tem uma formação artística diversificada que inclui pintura, escultura e fazer digressões pelo país como vocalista de uma banda indie rock, antes de se mudar para Los Angeles para fazer filmes. As curtas-metragens de Ana Lily foram exibidas em vários festivais mundiais, nomeadamente na Berlinale, BFI Londres, Edimburgo, Festival de Curtas-Metragens de Hamburgo, Slamdance, Nashville, Nova Iorque e o Festival para Crianças da Coreia do Sul. PASHMALOO, curta-metragem de 2011, foi comprada pelo canal de televisão Arte e, em 2011, Ana Lily foi uma de cinco realizadores escolhidos pela Berlinale para rodar um filme, financiado pelo Medienboard na Alemanha. Passou 4 meses em Berlim a filmar A LITTLE SUICIDE, um filme complexo que misturava animação stop-motion com imagem real. O filme foi um dos nomeados em 2012 para os prémios Berlin Today.

Ana Lily tem participado em programas de apoio à realização, tais como Berlinale Talent Campus, Laboratórios de argumento e realização FIND, Tribeca All Access, FIND Fast Track. UMA RAPARIGA REGRESSA DE NOITE SOZINHA A CASA é a estreia na realização de Amirpour, tendo feito a sua primeira apresentação em 2014, durante o festival de Sundance, na secção NEXT.

NOTA DA REALIZADORA

“É como se Sergio Leone e David Lynch tivessem tido um bebé iraniano, e depois Nosferatu tivesse aparecido para fazer de ama dele. Foi filmado a preto e branco; tem uma banda sonora espantosa e um grupo de actores incrível. Queria fazer um filme iraniano, mas não sabia como. Como, evidentemente, não podia filmar no Irão, a solução foi inventar um filme integralmente; descobri uma cidade petrolífera num ermo deserto da Califórnia que se transformou na fictícia Cidade Malvada iraniana, e, de repente, deixou de haver regras. As personagens são inspiradas em ícones que eu adoro, dos anos 1950 aos anos 1990, como James Dean, Sophia Loren, Ninja dos Die Antwoord e, claro, nas possibilidades ilimitadas de um vampiro. Queria obter um aspecto e uma sensação intemporais, que realmente completassem a impressão mítica e surreal da história, daí ter filmado em preto e branco anamórfico; deu-nos um aspecto gráfico, e o filme tornou-se assim uma experiência de mistura de géneros. É impossível falar da concepção deste filme sem falar da música. A música tem ocupado uma boa parte da minha vida; fui, durante muitos anos, vocalista e baixista de uma banda rock, e hoje em dia adoro pôr música, por isso é natural que seja uma parte vital deste filme. A banda sonora foi fundamental na criação deste filme, ao nível da escrita do argumento. Todas as canções que se escuta foram escolhidas previamente, e o poder da música é tão grande que é ela quem lidera a produção. É a magia que eleva o momento a uma outra dimensão. (...)

Quando estava a escrever UMA RAPARIGA REGRESSA DE NOITE SOZINHA A CASA, uma história com uma vampira, tive de responder a questões como quem era e é esta vampira, e isto implicou escrever toda a história dela. E quando o fiz, tinha. De repente, séculos de histórias entre mãos. O filme é apenas uma fracção de tempo na existência dela, e eu fiquei tão empolgada com toda a mitologia do mundo e dos seus protagonistas, e do universo de UMA RAPARIGA REGRESSA DE NOITE SOZINHA A CASA, que decidi igualmente transformá-lo num romance gráfico.”



REVISTA DE IMPRENSA

Crítica a UMA RAPARIGA REGRESSA DE NOITE SOZINHA A CASA
 - o estimulante poder da rapariga vampira.
The Guardian - Mark Kermode

A estreia na longa-metragem de Ana Lily Amirpour é um enorme triunfo...

A realizadora e argumentista iraniana-americana Ana Lily Amirpour descreve a sua estranha e empolgante longa-metragem de estreia, que foi exibida pela primeira vez em Sundance no ano passado, como o bebé iraniano de Sergio Leone e David Lynch, e com Nosferatu por ama. Passa-se na fictícia e fantasma Cidade Malvada (o nome é uma piscadela de olho a SIN CITY de Frank Miller) e é uma espécie de elo perdido entre os dois primeiros filmes de Kathryn Bigelow; o super fleumático THE LOVELESS, um pastiche dos filmes de motas, e NEAR DARK, um filme de vampiros dos nossos dias. Embora imerso na iconografia pop do passado, a cristalina fotografia anamórfica a preto e branco tem um vigor inequivocamente contemporâneo. Cinematograficamente, posiciona-se numa zona cinzenta entre nações (os lugares são americanos, a cultura iraniana), entre séculos (final do século XIX e início do século XX), entre linguagens (diálogos em persa, gestos do cinema mudo) e, acima de tudo, entre géneros.

Arash Marandi é o "James Dean persa", um jovem de penteado impecável que trabalhou arduamente para comprar um descapotável '57, mas cujo pai está cheio de dívidas e dependente de heroína. Quando o chulo tatuado de Dominic Rains fica com o carro de Arash como garantia, tem início uma sangrenta dança da morte que coloca o nosso herói no local do crime - talvez um esquema para uma história de identidades trocadas e falsas acusações? Contudo, o que se segue aproxima-se mais do inocentemente vingativo romance de Tomas Alfredson, Let the Right One In, onde as autoridades se fazem notar pela ausência enquanto se amontoam cadáveres em buracos. Este é um lugar sem lei - uma terra de ninguém com uma pitada de velho oeste, uma cidade de fronteira à espera de um pistoleiro desconhecido. O que apanha todos de surpresa é que este anjo vingador tome a forma de Sheila Vand. Durante o filme, a actriz e performer Vand (que teve um papel secundário em ARGO, vencedor do Óscar de Melhor Filme) é uma presença talismânica e mutante. Numa das cenas, é uma jovem alienada, em casa, com as imagens em vinil alteradas de ícones pop de 1980 pregadas nas paredes; noutra, é uma parente misteriosa da heroína "Punk Is Not Dead" de PERSÉPOLIS, que rasga o chador com uma prancha de skate; noutra ainda, ela é uma aparição intemporal, uma criatura sepulcral que se esconde na sombra.

À medida que se transforma, também o filme vai mutando em seu torno, cruzando alegremente as fronteiras, enquanto baralha e volta a dar alegorias. As primeiras cenas fazem lembrar a fleuma retro monocromática de PARA ALÉM DO PARAÍSO, de Jim Jarmusch, onde Marandi é menos James Dean que John Lurie. Depois, acordamos no



universo de ERASERHEAD, com as paredes de cimento e as erupções industriais de Taft, na Califórnia, em fundo, a ecoarem os enquadramentos geométricos do pesadelo apátrida de David Lynch. Enquanto isso, avançamos para o terreno gótico de FW Murnau e Tod Browning (Marandi está mascarado de Drácula quando encontra pela primeira vez “a rapariga”) refractado pelas lentes meio “noir” de OS VICIOSOS, de Abel Ferrara.

Não é uma surpresa quando se descobre que Amirpour, que dá ares de Patti Smith, foi um dia vocalista e baixista numa banda rock. A banda sonora mistura o som metálico spaghetti de Federale com a batida oriental de Bei Ru e as melodias indie de Radio Tehran, enquanto o gemido do vento sopra o fantasma do engenheiro de som Alan Splet através do ecrã, como se um silêncio sepulcral ali reinasse.

Numa soberba sequência, os amantes abraçam-se ao som da ironicamente intitulada “Death” [Morte] dos White Lies, a faixa fica a tocar enquanto os nossos anti-heróis se viram um para o outro na mais lenta das velocidades; os olhos fitam-se, os pescoços inclinam-se, os corações aos saltos, lábios quase a tocarem-se – uma sinfonia de exposição em movimento e música.

Há aqui a demonstração de uma inteligência subversiva neste metralhar de literacia cultural (Amirpour também criou um romance gráfico com o filme), colocando lado a lado elementos oxímorónicos que reconhecidamente suprem a falha entre oriente e ocidente, antigo e moderno. Tal como Jennifer Kent se deixou influenciar pelos primeiros filmes em “stop-frame” no seu estupendo filme de terror O SENHOR BABADOOK, também Amirpour ajusta a velocidade do obturador de forma a injectar um mistério quase imperceptível nas manobras letais da Rapariga, com as suas asas de morcego esvoaçando como uma traça que dança perto da luz de um velho projector de cinema.

Tudo isto se acumula numa experiência delirante e confusa que pode ser entendida como uma parábola política ou um filme de série B – de preferência ambos. Enquanto descendente americana da nova vaga iraniana (o filme é vendido, com alguma insolência, como “primeiro western iraniano de vampiros”), é uma afirmação provocadora de “girl power”, uma variação moderna dos gritos de guerra da internacional feminista de RECLAIM THE NIGHT com um patriarcado opressivo e disfuncional como pano de fundo. Todavia, Amirpour nunca deixa que uma mensagem se ponha no caminho de uma grande melodia, tendo visível prazer em fazer girar os rolos, qual DJ do cinema, mantendo os espectadores expectantes e despistando-os.

O seu próximo filme, THE BAD BATCH, é descrito como uma história de amor distópica e de canibalismo com um naipe de actores galãs que inclui Keanu Reeves, Jim Carrey e Diego Luna. Foram inequivocamente enfeitiçados pela empolgante estreia de Amirpour e esperam dela grandes feitos. Vejam este e vão perceber porquê.



"Filmado num lindíssimo preto e branco expressionista e fundindo vários géneros num todo original, Amirpour revela uma visão encantadora, críptica e, frequentemente, surpreendente acerca do desejo individual, que se instala sorrateiramente em nós graças ao inteligente poder do seu olhar sobrenatural." - **IndieWIRE**

"É um novo clássico de vampiros, a valorizar para sempre" - **The Playlist**

"Quando achamos que já vimos tudo – nunca acho isso, mas às vezes pode parecer que sim – surge algo completamente novo ou, pelo menos, algo tão intrigante e bizarro que até parece completamente novo." - **Wall Street Journal**

"O argumento anémico é reanimado consideravelmente pelo estilo; no final de contas, é uma mistura embriagante de terror misterioso e pop dos anos 1980, concebida por uma artista a acompanhar." - **Time Out**

"Este filme belo e temperamental é sobre ambientes e emoções" - **The Hollywood Reporter**

"Gráfico e coreográfico, de uma lentidão que plana, o filme brinca com nomes de código (...), assumindo-se enquanto exercício de estilo. (...) A atmosfera cativa-nos." - **Télérama**

"A atmosfera sedutora inscreve-se numa influência arty que dá, com beleza, novamente cartas num cinema independente americano ligeiramente esclerosado." - **Première**

"Um pequeno universo poético e intrigante" - **Le Monde**

